

nicolas behr

o bagaço da laranja

pra ler com os dentes
e mastigar bem

(1977 - 2007)

Brasília, 2009

O BAGAÇO DA LARANJA
© Copyright by Nicolas Behr, 2009

Design Gráfico
Marcus Polo Rocha Duarte
polodesign@gmail.com

Capa e diagramação
Criação do autor

Foto da capa
Edmilson Figueiredo (Barca Brasília)

www.nicolasbehr.com.br
paubrasilia@paubrasilia.com.br
Cx. Postal 08-762
70312-970 Brasília DF
(61) 3468 3191

Um toque

Sim, este livro, até pelo título e pela capa, é uma continuação do Laranja Seleta, editado pela Língua Geral, em 2007.

Nesta edição reuni poemas escritos entre 1977 e 2007, não incluídos na antologia anterior. Muitos são inéditos.

Alguns poemas, inclusive, integram a minha fase “punk-decadente” (1979), aqui, orgulhosamente, apresentados.

Bom bagaço pra você!

a infância é a camada fértil da vida

depois da camada fértil
vem o cascalho
a pedra a camada adulta
estéril dura impermeável

esta

INFÂNCIA

você não se lembra
mas eu me lembro

desenho um rio
(a alegria de desenhar um rio
quase deságua em mim,
fosse eu foz)

desenho um menino pescando

desenho o lambari que pesquei
- ficou bonito o meu desenho,
professora?

menino sem mimo, sem elogio,
mas orgulhoso,
com o lambari na mão

aquarela viva da infância

eles dizem
eles discutem
brigam...

mas a vida não consegue
passar pelos dentes

alma sideral
casa espacial
nave emocional

mamãe,
estou em plena lua-de-mel

marquei
o melhor
pé de bocaiúva

com um corte na mão

a ponte existiu sim

fui lá ver os pilares,
no pitomba

ponte de madeira
que o rio levou
e a lembrança trouxe de volta

LAR DO MENOR

onde hoje é a casa edith
que vende tecidos
era o lar do menor

o lar do menor foi demolido
tudo foi demolido

tudo
tudo
tudo
tudo
tudo
tudo

demoliram até o nosso
campo de futebol

ANÚNCIO

os homens já olham
para os seios
da minha filha
na rua

AVENTURA

gostou da aventura, klaus?
que aventura?!
nosso carro nem explodiu!

faltou sentir o quê?
faltou dizer o quê?

aqui estou: casa em ruínas
unha roída
escola soterrada
freira infeliz
rio sujo, ponte caída

aqui estou: igreja queimada
cerrado extinto
futuro incerto

aqui estou: cobra-coral
professora morta
memória gasta
vazio n'alma

aqui estou: lambari arisco
amigo inácio
menino sem mimo

aqui estou: jesus te oferecendo
a outra face

aqui estou: poema inexistente
infindável missa
cinema fechado

aqui estou: exposto, deposto
quase nu
ferida cicatrizada
(quer que eu abra, quer?)

aqui estou: infância inacabada

colocar desenhos
embaixo do travesseiro
pra sonhar
com batman e barquinhos

esse é o meu filho erik

dançou no vestibular
e levou pau em casa

fanfarra fazendo farra?
fanfarra fazendo algazarra?
que nada, gente mais organizada
ordeira, marchando na poeira
um atrás do outro
rufando os tambores
pedindo passagem

as meninas na frente
de pernas grossas de fora
nós olhando as pernas grossas de fora

toma limonada pra cagá de madrugada
toma limonada pra cagá de madrugada
toma limonada pra cagá de madrugada
toma limonada pra cagá de madrugada
toma limonada pra cagá de madrugada
toma limonada pra cagá de madrugada
toma limonada pra cagá de madrugada
toma limonada pra cagá de madrugada

HAVIA, DO VERBO SOFRER

aqui havia uma casa
um quintal
um campo de futebol
um menino assustado
entre bananeiras

aqui havia um passado
uma casa passado
um quintal passado
um menino assustado
entre bananeiras

havia, havia, havia
não há mais

permanece apenas
a insistente lembrança

lembrança assustada
entre bananeiras

INDUMENTÁRIA DE GUERREIRO

sandália de dedo

sapato velho

canelas de fora, calção

cinto não tinha (nem cueca)

uma camisa branca, puída

uma pasta com os cadernos

dentro: lápis, caneta, borracha,

apontador e régua

e lá íamos eu e este poema

conquistar o mundo

menino pobre
menino de ouro
menino bom

menino da rua interna
do muro enterrado
da janela pra dentro

da recusa à vida reclusa
menino não quer ser padre

menino quer ir pra rua
soltar pipa
pular muro
roubar manga
jogar bola

bater e apanhar

minhoca tem coração?
pinico de barro enferruja?
será que capam os padres?
quem beija muito pega sapinho?
por que o céu não é amarelo?
quem fica louco é para sempre?
se colocar óculos verde no boi
ele come capim seco?
por que algumas pessoas são más?
existe roda quadrada?
por que bosta fede?
cavalo pode cruzar com vaca?
dá o quê?
todo cobrador de ônibus é rico?
por que lágrima tem gosto de sal?
todas as freiras são carecas?
por que a noite é escura?
peixe dorme de pé ou deitado?
por que as palavras não falam?
por que as meninas perdem o pinto?

negão, forte, baiano

roçava o mato do pasto,
de empreita

certa vez trouxe uma jibóia
já limpa, na folha de bananeira,
pra gente comer

disse que era peixe

sempre muito quieto
só abria a boca pra comer
e derramar querosene
no dente podre

mamãe tinha que ficar
escondendo as lamparinas
da casa

adão conheceu eva
eva conheceu adão
e no paraíso de rosário oeste
se casaram

a maçã era uma lobeira
e a folha de uva
uma folha de lixeira

abriram uma pensão
e como não tiveram filhos
a humanidade não existiu

o menino falou pra menina:
 não se preocupe
 o seu ainda vai crescer

o menino olhou pra menina
de novo e pensou: será que
também vão cortar o meu?

no dicionário pré-histórico
a palavra muro
cerca quintais
de substantivos fósseis

CADERNO DE POESIA

no caderno de poesia
do aluno nicolas
não havia espaço
para a poesia

a poesia já ocupava
todos os espaços
do caderno e da vida

cheguei bem perto do rio
mas não pesquei

desta vez
não sofri

nem eu
nem o lambari

DEVER DE CASA

se a cada 30 minutos
cai uma manga
do pé de abacate
quantas jacas
explodem por hora
dentro do jenipapo?

criança também sofre
de depressão, de esquecimento

criança nem nasceu direito
e já pensa em se matar
(saiu da barriga, acabou o sossego)

criança às vezes brinca
olhaqui, gente
achei um adulto de verdade
boneco inflável
vamos furar o olho dele?

criança também chora

dividi minhas fazendas
em várias infâncias

aí multipliquei os peixes
aí somei as árvores
aí subtraí os pássaros
aí fracionei os rios

aí fui contar as estrelas

perdi a conta
de quantas infâncias inventei

quando nado entre lambaris
sou um pássaro aquático
que vive na terra
mas sonha em voar
como os mamíferos

do encontro de dois rios
nasceu diamantino

do cruzamento de dois eixos
surgiu Brasília

eixo ribeirão do ouro sul
eixo rio diamantino norte

eixos e rios desaguando
no lago pantanal-paranoá

rodoviária submersa
lambaris passageiros

iscas de pastéis
rios de caldo-de-cana

fui em busca
do meu tesouro
mas não o encontrei

se eu tivesse deixado
um marco na beira do rio
um sinal na pedra
uma vara de pescar
fincada no chão

a minha infância
está enterrada em mim

poeta não
bebê-chorão

GENEALOGIA FÚNEBRE

aqui nasceu meu irmão
ali nasci eu
ali mais na frente
nasceu outro irmão meu

meu pai não nasceu aqui
minha mãe também não

aqui está enterrado
meu irmão
ali estou eu
logo ali outro irmão

a casa da fazenda caiu
todos foram embora

(mortos são aqueles
que não mais existem)

apenas o pé de flamboyant
resiste

na pia do banheiro
um sabão roído

parecendo dentinhos de rato,
dentinhos de menino

menino limpo por dentro

não mexe com o maribondo
que ele corre atrás da gente

maribondo não corre - avoa

eu também avô,
só que por dentro do chão

olha eu
olha eu
olha eu
revela a fotografia

menino com a mão no chifre do boi
menino engolindo sucuris
menino no salto mortal
copa a dentro
menino picando escorpiões
menino mordendo piranhas
menino descalço pisando em cobras
menino atravessando a mata sozinho
no meio da noite

pra escrever um poema
é preciso coragem

os poemas dentro de mim
sentem que vou à diamantino
e começam a se apresentar

vão me puxando pela blusa
enquanto tropeço em emoções
inacabadas pelas ruas de diamantino

pesquei aqui,
quando ainda não haviam
árvores e rios,
há milhões de anos

infância fossilizada
lambaris cenozóicos

pra pescar um bom peixe
é preciso sorte

pra escrever um bom poema
é preciso sorte

sorte de quem acredita nisso

pulo da ponte,
de cabeça,
sobre as pedras
e o rio me leva

o rio não aceita nada
que lhe seja estranho

não afundo
nem flutuo

mas a poesia me acolhe

é verdade que dentro de todo adulto
tem uma criança?
como ela entrou lá? por onde?
um dia ela sai ou fica lá para sempre?
leva muito tempo pra virar menino?
depois da infância vem o quê? um abismo?
por que os poetas escrevem imitando a gente?
por que a infância acontece quando a
gente é pequeno?
por que a criança não pode ser egoísta também?
por que temos sempre que dizer sim?
onde começa a infância? neste ou naquele quintal?
se a criança não chora é porque está doente?
antes da infância vem o quê?
se a infância não acontece, acontece o quê?
se a infância é um rio os lambaris são piolhos?
alguém avisa quando a infância acaba?
por que a criança tem que crescer?
crescer é um tipo de castigo? pode trocar por outro?
por que dizem sempre pra gente não chorar?

se o menino não tem lembrança
é porque já veio pronto?

é verdade que todo mundo tem infância,
menos os postes, os patos e os poetas?

quase cinquenta anos e nenhum poema
sobre a infância

quase cinquenta poemas e nenhum
sobre os joelhos machucados,
as mãos cortadas, a cabeça sangrando,
os olhos esbugalhados

quase cinquenta livros
e nenhum sobre o nada

quase cinquenta filhotes de lambaris
engolidos vivos
para aprender a nadar

pisar no poema e afundar

saudade é um sentimento
de natureza arenosa,
transportada pelo tempo
na forma de minúsculas
lembranças que vão
se acumulando no fundo
da memória, como areia
que vai pro fundo do rio

tirei todos os pregos da ponte
do ribeirão amolar
como se estivesse faltando
um em mim

finalmente me atravessei

toda criança é infeliz
toda infância é impura

todo poema é falso

vendo minha infância

pago bem

aceito lambaris usados

é tarde da noite
e meu peixinho dorme

daqui a pouco acorda
pra pedir água
água gelada no copo de vidro

pede com pressa
mas qual surpresa?
- deixa aí, depois eu tomo!

meu peixinho acorda cedo
pega a toalha
com desenho de baleia
da angela leite
e vai se secar dentro do aquário

erik volta do parquinho da quadra
com sementes de leucena na mão
e pergunta: são essas as sementes
que você colocou na minha mãe?

ERIK

esse canguru é da austrália?
não, é meu!

eu e você somos do mesmo sangue

sangue vermelho – já vi

aliás, já falamos disso

falemos de água, saliva,
sucos, outros líquidos

- sangue -

que líquido especial é esse?

que palavra é essa
a me perseguir?

amanhece em diamantino
e aos poucos o sol se põe
e todos se recolhem e sonham
que estão sonhando
o sonho do rio diamantino

sonham que o ribeirão do ouro
parou de correr e as pedras se
exercitam para subir a serra
sonham que as águas do rio diamantino
congelaram e nele pacas e cotias
patinam sobre o gelo
sonham que nos hospitais
os plantonistas também dormem e sonham
com bebês que ainda não aprenderam a
chorar
os raríssimos ladrões se recolhem
os bêbados falam baixinho
dentro das garrafas
as corujas não piam
os sapos não coaxam
as luzes das ruas se apagam
- a cidade toda iluminada -

no sonho das pessoas que sonham
que dormem em diamantino o vento pára
de soprar, a terra pára de girar,
as estrelas nem piscam,
as folhas não tagarelam mais

quem sonha que dorme em diamantino
sonha com insônias profundas e pesadelos
que a ninguém assusta

os galos, distraídos,
esticam a madrugada
os cães não latem, os motores
não funcionam, raramente chove e,
se chover, chuva fininha,
que desaparece antes de tocar
o telhado

quem sonha que dorme em diamantino
sabe que a noite em diamantino
sonha que também dorme

ficou com raiva
mordeu a língua
doeu

gritou pra mulher:
- desliga esse menino
e manda a televisão dormir!

meu filho disse na tv
que não tinha orgulho
de mim

o sequestro terminou bem

para o mundo
eu sou um herói

mãe:

meu rico filho

pai:

seu sem vergonha

meu filho
não é bandido não

eu sou preta
mas meu filho é branco

MINHA VIDA É ISSO

meu filho pequeno, o klaus,
pediu chupeta e disse
- a seu modo - (e eu entendi)
que ia dormir

pegou seu travesseirinho rosa
na sala e o pano branco no chão
- a bubu - e dobrou-se sobre a cama

certo dia, mais crescido, perguntou:
qual a coisa maior, mais grande
do mundo? falei de edifícios,
baleias, sequóias...
e ele:
- errou, é o amor!

NÓS NOS RESPEITAMOS

nós não nos falamos
sim, existe respeito entre nós
existe um muro bem alto
um castelo, um fosso
logo depois um abismo

sempre houve respeito entre nós
mais que medo
nenhuma palavra

respeito é bom:
a saliva conserva os dentes
meu silêncio é de ouro

que a minha poesia seja fácil,
clara, precisa, explicita!
(ah, como é difícil a poesia fácil!)

drummond, pessoa, os grandes poetas,
bandeira, por favor me ajudem!

para vos poupar
da mediocridade do mundo
para vos poupar
das mesquinhas do cotidiano
para vos poupar do tudo,
do nada, do absoluto, final

o dever de casa
era sobre habitações

alcina explica tudo sobre
paredes, pilares, estruturas,
telhados...

max, agora me diz:
qual é a coisa mais
importante numa casa?

é a mãe!

padre leandro
gostava de plantas
e de plantar

um dia, já velho, morreu

anos depois fomos
rezar no seu túmulo,
em silvânia, goiás
ao final, klaus perguntou:

papai, você tem força
pra levantar essa tampa
pra eu ver a cara do seu amigo?

a folha em branco
a última página
o poema impublicável

incestuoso
eutanásico
suicida
edipiano

mil tabus rondam este poema

a casa da fazenda não cai

quer que eu derrube, quer?
me pergunta o tempo

esse poder o tempo não tem

AINDA BEM QUE O TEMPO PASSA

pra alcina

você se lembra?

era neste quarto na casa dos seus pais
que namorávamos ouvindo joni mitchell
e egberto gismonti

você era uma das ladies of the canyon
e eu o seu palhaço

hoje estamos dormindo
neste quarto novamente
com nossos três filhos
nossa família

deus guarde a nossa família

e a sua

aos que se sentem imprestáveis e inúteis
aos que querem se matar

quase 50 anos e não construí nada

tudo o que tenho não é meu
e nada tenho a oferecer

chorou no banco da frente
do meu carro
e com um gesto disse não

iria rondar sua casa
mas ela não o queria

logo agora que encontrei alguém
que eu realmente gosto, disse

era um homem feito quase 50 anos
e chorou no banco da frente do meu carro
como uma criança

de escorrer o nariz

estranha mania essa de ficar escrevendo
poesia
nas horas impróprias
para menores de 18 amores

sou duro
rijo
cheio de couraças

abaixo a obrigação
de ser feliz

hoje não vou te ligar
hoje não
amanhã talvez
amanhã não
segunda-feira

segunda-feira faz uma semana
desde aquela tarde, depois do banco,
que eu te liguei da telefônica,
cheia de gente

eu queria falar alto, gritar,
mas tive que me acalmar,
falar baixinho

mas com paixão

ontem sonhei
que me masturbei
e te encontrei
enrolada no lençol

quando a gente terminou
no beirute
escrevi num papelzinho

LET IC IA
LET IT BE

quem me conhece
se decepçiona comigo

criar e destruir expectativas
é o meu prazer

eu estou bem assim

pelo amor de deus
não me toquem

não preciso de amor
para viver

VOYEUR

como você gosta?
descubra

sob os lençóis
trás-os-montes
brancas colinas

a carona deu em nada

quilômetros e quilômetros
de pernas e curvas
viajando pela imaginação

boa viagem
meus amigos que todos os dias
pegam esses ônibus lotados
que vão pra taguatinga, gama,
planaltina...

boa viagem
meus amigos que vão
em pé, sentados, dormindo

sonhando chegar em casa
antes da novela começar

abri meu coração e ela
era a primeira da fila

brasília passa embaixo do meu bloco
todos os dias

o poeta descobre as cidades-satélites
e entra em órbita
mas ainda não sabe se há diferença
entre taguatinga centro e taguacenter

e eu pensava que
ceilândia tinha alguma coisa
a ver com ceilão
não tem não

agora dentro de um ônibus:
depois desse o outro
depois desce o outro
depois desse desce o outro

BRASÍLIA VELHA

neste bloco morou
entre 1972 e 1979
o poeta fulano de tal

burocratas brasilienses
(mortos-vivos)
enviam ofícios
de estima e consideração
aos sacerdotes egípcios
(mortos-mortos)
informando sobre mudanças
no ritual

brasília se soergue
sob as ruínas de luxor

cento e nove
ah, sempre nove
109 4ever
ali deveria ter
um ponto de ônibus
a W3 deveria
passar pela 109
falta uma pastelaria
e uma escada rolante na 109
ah, sempre nove

passei metade da minha vida
encostado naqueles carros

dedico este canteiro
de obras (jardim-operário)
aos esquecidos de deus
que construíram esta cidade
de Brasília e que, um dia,
construirão comigo, em sonho
e sem dor, a cidade de Braxília
(pronuncia-se brakslha, canalha)

e eu que aqui cheguei
em 1974 não tive a sorte
de ver as pegadas dos
candangos que existiam
perto da igreja

PALÁCIO DA JUSTIÇA

bicho,
esse palácio
é a maior cascata!

entrei naquele ônibus
da tcb
como quem
não queria nada

nem o troco

eu S
tu Q
ele S

nós S
vós Q
eles N

neste país sem memória
também vou construir um memorial
em memória de todos
os construtores de cidades

memorial JKLMNOPQRSTUVWXYZ

falta um bloco na minha quadra
como falta um dente em minha boca

meu bloco é redondo
como um cubo
azul como uma laranja

bloco k
k pra nós k de poesia

me lembrei quando vi
brasília lá de cima
ali de quem vem de sobradinho
depois do colorado
na descida

foi perto de onde hoje
é a catedral que perdi esperança

vaca parideira, pé duro,
boa de leite

caiu numa grota funda

o barulho subindo as escadas
o barulho de você
subindo as escadas
meu coração disparando
a campainha tocando

não era cynthia
era o síndico

o olhar parado
o olhar perdido
uma lista telefônica
inútil na minha frente

é madrugada

e a madrugada de brasília
é fria, inviabilizando
a criação de camarão-
gigante-de-água-doce-
da-malásia na região

o vigia do meu bloco
passa as noites
apitando um jogo
que já perdeu
para as estrelas

aquele pri pri
se perdendo
entre as pilastras

e eu que não tenho unhas
fico desesperado
nos pontos de ônibus da W3
tentando arrancar aqueles cartazes
com os dentes

sem nada pra fazer
ando por baixo dos blocos
duma superquadra qualquer

atrás das pilastras
apenas mais pilastras

atrás das pessoas
uma nova máscara
ou muitas conhecidas

sexta-feira chegou
e ela não veio

peguei o primeiro ônibus pra Brasília
e encontrei morena na rodoviária
comendo pastel,
tomando caldo-de-cana
e passeando nas escadas rolantes

aqui se celebram
os valores de uma sociedade

aqui se enobrece
o espírito de uma nação

blá-blá-blá-blasília

arte
pra arquiteto ver

poema
pra analfabeto ler

as águas do paranoá
não correm para o mar

viram nuvens
e ficam paradas no ar

as mudanças no plano piloto
as mudanças em mim

assim nós queremos viver,
nós dissemos

assim nós queremos
que vocês vivam,
disse o arquiteto

brasilía é uma
cidade autoritária?

é sim
quer ver?

pra subir pra falar
com o ministro
só de terno e gravata

pra descer, só nu

brasília só para convidados

sem crachá não entra

sem carimbo não entra

sem puxar o saco não entra

sem este poema não entra

centro cultural
nicolas behr?

nem morto

BRASÍLIA

criador: desconhecido

fundação: sem registro

centro político-administrativo: não

cidade planejada: talvez

população: extinta

língua: de trapo

sexo: cidade hermafrodita

atividade econômica:

não identificada

capital de império: onde? quando?

submersa: sim

área: não especificada

bandeira: dois

regime político: boi no pasto

têm poetas? o que são poetas?

localização: indefinida

cidade lendária: com certeza

obs: sem observação

clips promovido
a grampeador

sonhando ser
carimbo um dia

como brasília poderia dar certo
com o brasil em volta?

como brasília poderia dar certo se,
para dar certo, deveria ser destruída?

como chegar: não se chega
pois não se parte

onde ficar: não se fica
(cidade suspensa)

o que ver: não há nada pra ver
pois Brasília
(bem imaterial)
só existe na teoria

como sair: a cidade não tem saída,
é labirinto

de primata a hominídeo
de hominídeo a caçador
de caçador a coletor
de coletor a agricultor

de agricultor
a funcionário público

demarcar a área do poema
no planalto central,
tomar posse do poema,
ocupá-lo, loteá-lo
e depois abandoná-lo
nesta página

deste planalto cerratense, desta solidão,
deste palácio que em breve se
transformará em ruínas, lanço
meu olhar cansado mais uma
vez sobre os escombros do meu país
e antevejo uma alvorada que não
chega nunca, com uma raiva danada
e uma desconfiança enorme
no eterno país do futuro

dor arquivada
felicidade protocolada
utopia adiada

brasília é o fracasso
mais bem planejado
de todos os tempos

durante as escavações também
foram encontrados clips pré-históricos,
grampeadores de pedra lascada, crachás
em plaquinhas de ouro, carimbos
petrificados,
ministros embalsamados
e ofícios em escrita
ainda não decifrada

saúdo teus excluídos,
aqui incluídos

e agora, Brasília?

sem batedores

sem pistas interditadas

sem cirenes, sem circo

sem estacionamentos privativos

sem carros oficiais

com placas de bronze

sem títulos a ostentar

sem cargos a oferecer

sem planos plurianuais

todos os meses

sem primeiro-secretário-vice-presidente-

geral-adjunto-do-tribunal-de-faz-de-

contas-da-união

sem Brasília

Brasília, e agora?

em Brasília os vencedores perderam

discriminados, os candangos
foram obrigados a morar
fora da cidade fortificada

já os burocratas migraram para a capital logo
depois, encontrando a cidade pronta

mesmo após Brasília continuaremos
desejando viver em sociedade?

enquanto os candangos dormiam
a cidade surgia, impulsionada
pelo entusiasmo do sonho
de construir

por isso, segundo a lenda,
diz-se que em Brasília
os edifícios e os monumentos
apareceram como que por
encanto, espontâneos,
brotando do chão

sim, aquela é a estátua de teseu,
maior herói cerratense
(sim, filho, maior que jk)

libertou brasília da opressão
do burocrotauro, um ser meio homem
meio carimbo que vivia
pelos labirintos dos ministérios
devorando qualquer fila
que se formasse a sua frente

todos os erros de brasília
(todos os erros são meus)

tolerar outras brasílias
e explodir apenas a maquete
onde a palavra mágica é tabu:

abracadabrasília

transposição das águas
do rio são francisco
pra não deixar secar
o lago paranoá

o doente doa sangue
ao já quase morto

tuas qualidades arquitetônicas
meus defeitos poéticos

tudo estava muito bem planejado

brasília seria demolida
logo após a inauguração

porém, no último instante,
num gesto de grandeza,
jk mudou de idéia

a capital voltou a ser
o rio de janeiro

temos as ruínas mais modernas
do mundo, onde ipês pastam,
bois florescem, poetas cavam
e tatus se enforcam

a terra bruta
os homens brutos
a terra vermelha
sanguínea, deflorada

o holocausto vegetal
que se inicia

a minha dor
é a dor de viver,
não tem segredo

a dor de não conseguir
ser feliz
é a dor que dói mais

se expor e ser menos infeliz
por isso
já alivia e consola

esta cabeça de bronze
é de jk
ou de um descendente seu

jk não é o herói
civilizador cerratense

jk é o mito

e quem é o herói?
o herói somos nós!

estacionamentos
de árvores genealógicas
dinastias de engravatados
sua magestade o presidente
dom carimbo de visconde
cargos hereditários

nobres funções

LORCA BRASILIENSIS

plano que te quero piloto
super que te quero quadra
dabelhu que te quero três
éle que te quero dois
grande que te quero circular
cidade que te quero satélite
pastel que te quero caldo
iogurte que te quero farinha

cerrado que não te quero soja

brasília chegou
bem antes da utopia

mas a utopia disse que ainda virá

há anos encontra-se presa num enorme
engarrafamento

SUBINDO NA VIDA

sou porteiro
no venâncio III
e você?
sou ascensorista
no venâncio 2000

AMOR ÀS PAMPAS

pra ângela

você voltou
pro seu rancho
no rio grande

enquanto eu
fiquei aqui
a ver ministérios...

este livro é um elogio
à brasília
ou uma crítica
à burocracia?

na dúvida, carimbe aqui

eu me prostro, me prostituo,
como da tua grama,
bebo da tua lama,
nado em teu esgoto,
me corto por dentro,
me crucifico em teus postes

para que não me mereças, brasília!

eu, teu ex-poeta oficial,
com estátua falsa, nome errado,
pedestal caído e sem placa
na praça-do-buriti-morto-
duas-vezes-favela

foi preciso demolir brasília
para que outra, mais moderna,
fosse construída no lugar

quem pensou que brasília
seria eterna,
dançou

jk não deixou descendentes

o segundo quinto império cerratense
foi então dividido em
pequenos reinos
minúsculos feudos
microscópicos castelos
invisíveis burocratas

jk tentou, de todas as maneiras,
impedir a construção de Brasília

mas os candangos,
disfarçados de formigas
operárias e usando poderes
mágicos, edificaram uma cidade
subterrânea, viva, noturna,
alternativa, rebelde, roqueira,
a qual chamaram Braxília

melhor do que viver
é viver em Brasília

cidade-amada
cidade-mamada
cidade-mamata
cidade-matada

o arquiteto endeusado
o poeta banido
jk decapitado

a graça para sempre perdida

na solenidade oficial,
celebrando a eficiência
da máquina estatal,
foram sacrificados
321 grampeadores de bronze,
234 clips de prata e
185 carimbos de ouro

no meio do pesadelo
apareceu brasília

aí o pesadelo acabou
e começou outro

o dia 21 de abril amanheceu
com cara de 21 de abril

parecia que ia chover

não choveu

o poeta irreconhecível
entre os escombros
a cabeça esmagada
sem os braços

primeiro a realização,
depois o sonho

brasília aconteceu ao contrário:
inauguraram-se as ruínas

os habitantes começaram então
a abandonar a cidade

passou no concurso
mas nunca o chamaram

matou-se tomando litros
de tinta de carimbo
(fez questão de ser enterrado
com os editais)

o traço equivocado do arquiteto
é superfície
papel ofício é superfície
a superfície da catedral
é superfície
grama também é superfície
a solidão da supequadra
é superfície
o volume do bloco é superfície
o lago paranoá, mesmo seco,
é superfície

brasília é superficial

persona non grata
com muita honra

inclua meu nome
na lista
dos que nunca
serão convidados

quando reconstruírem meu bloco
quando o eixão virar um jardim
quando os anjos
retornarem à catedral
quando jk for reabilitado
quando brasília for novamente
patrimônio cultural da humanidade
quando a poesia
se tornar necessária
quando salocin rheb
se matar de verdade
quando se realizar a profecia
de dom bosco
quando a catedral
voltar a ser ecumênica
quando explodirem os ministérios
quando o lago paranoá
se encher de água
quando brasília se chamar braxília

quando a cidade começar a existir

tentei um programa
diferente com minha garota

levei-a pra comer
pastel na rodoviária

ela preferiu hamburger

dias depois
passei pela rodoviária
e convidei minha garota
pra tomar um caldo-de-cana

ela preferiu pepsi

tempos depois sonhei
que vi a cara da minha garota
numa tampinha de coca cola

suzana, a eixosa que sumiu no smu
dops lá em casa, mamãe na igreja
drlica e suas tangerinas no parque
brasilinhas do luiz da regina
nuvem cigana e o tal do chatal
onde andar\u00e1 renato mitos?
cheio de \u00e1gua nos olhos, aposto
jar\u00ed, a morte gmelinica
chorei quando hugo rodas
foi atropelado
ouvir a vaia do vento
onde o plano pilatos lava as m\u00e3os
L2 noves fora W3
uma namorada em cada bloco
acad\u00eamicos x marginais
ningu\u00eam me ama, s\u00f3 quem liga tripa
brasil\u00e9ia desvairada
beirute, gayrute, arrote metr\u00f3pole
maria mercedes dos anjos alvim
joga a chave meu bem, joga o Jorge
voc\u00ea est\u00e1 aqui
mas aqui n\u00e3o est\u00e1 ning\u00eam

aluisio batata, o flautista doce
turiba & kiprokó por toda parte
chico, mestre, agüentando a gente,
e, nas horas vagas, moendo carne
vidas erradas, vidas passadas (doeu?)
detrito federal e DF-car
sexoral é bom no ponto de ônibus
senta que vai demorar
cabeças (viva néio lúcido! viva!)
fazeolos vulgaris for people
pereira e sua mala (upj sabe)
sempre nove, ah sempre nove
azeitonas enguiçando
as escadas rolantes da rodoviária
(azeitonas más, expulsas
do paraíso dos pastéis)
colina, a outra tribo, religião urbana
um telefone pra quem ama no gama
é pouco no plano pilouco
ministéricas – saudades da leninha
a descoberta do beijo na boca

em goiânia, no carnaval,
a primeira transa
foi sobre a bandeira nacional
tudo para todos
damata queimou o filme da janis
circuito: escola parque-
galpão-beirute
pela primeira vez – eu amo brasília
meus amigos mortos, alguns
outros são e salvos
na casa da noélia
foi assim que construimos braxília

foi assim que começamos a sentir
saudades de vocês

ACEROLA LOUCA

troquei o poema pela ema
as palmas pelas palmeiras
as vaias pelas uvaias

eu faço poesia como quem brinca
de trocar tristeza por alegria

nas profundezas das florestas
de palavras vivem os poetas
disfarçados de árvores e ditongos

se alimentam do nada
e de tudo o que
a imaginação decompõe

ÁRVORES DE ZANZIBAR

tantas árvores
que não conheço

tantos sentimentos estranhos

árvores que plantei
muitas
mulheres que beijei
algumas

seivas e salivas
peles e entre-cascas
roçar de folhas, corpos
pólens, pólenes líquidos
beija-flores,
flores-vulvas

criar bois entre capivaras
e administrar
esse latifúndio literário
onde a poesia pasta
e eu rumino a minha dor

evitar prêmios e famas
e transitar sossegado
entre o gado manso

enquanto isso
oswald de andrade
de cotonetes na mão
limpa a orelha
do meu livro

de grão em grão
a galinha
enche o papo

de palavra em palavra de palavra
em palavra de palavra em palavra
de palavra em palavra de palavra
em palavra de palavra em palavra
de palavra em palavra de palavra
em palavra de palavra em palavra
de palavra em palavra de palavra
em palavra de palavra em palavra
este poema enche o sacco

era uma vez
um poeta sujo
que calçava sapatos de veludos
e usava luvas

dizem as más línguas
que nós, os poetas,
somos as antenas da raça

diga-se de passagem:

que as línguas
estão mudas
os poetas mortos
as antenas desligadas

e a raça em extinção

EDUCAÇÃO CRISTÃ

mamãe,
fazer poema é pecado?

É ASSIM QUE SE FALA

nem todas as palavras são
labiodentais
ai de ti limão taiti são

ditongos nasais
exportam melecas
frescas para o cérebro

verbo de ligação é amar
amar é verbo transitivo direto
preposição é a posição anterior

cachinguelê é esquilo esquisito
não trema se a palavra
tiver tremas e trancas
chame chacal e chamie

vírgula uma vírgula
antônimo é com o antônio
homônimo do homônimo existe:
é o sinônimo de si mesmo

silvia da silva manja
de silabas salivares
pois beija sem a boca

asterix não inventou o asterisco
fotossíntese é a síntese da foto

sujeito predicado ou sujeito
prejudicado?
um chute no saco
é apenas um chute no saco

mas como dói

este poema
não tem pé
nem cabeça

mas vive
com o rei
na barriga

ESTRATÉGIA

não ler
pra não ser
influenciado

hoje eu estou vivo
mas um dia não estarei mais
e ler carlos drummond de andrade
é um dos prazeres da vida

você está aí, vivo, sentado,
e a tua volta, livros, quadros,
móveis (como são fortes as
coisas, disse cda)

passar, viver e passar
como cecilia meireles passou,
nem alegre, nem triste

alcina cantarola uma canção
lá embaixo “amanhã será um
lindo dia...” está feliz

não tem luz na casa e eu preciso
tomar um banho, um banho quente
(espero a luz voltar)

a poesia me faz companhia
companhia invisível,
silenciosa, perturbadora

eu te curto
tu me cortas
ela não curte
ele nem corta
nós nos curtimos
vós vos cortais

eles ainda
não entenderam
este poema

leia este poema
com esses olhos
que um dia
eu hei de comer

haverá um dia em que escreverei
poemas profundos,
de longas páginas
cheias de imagens
exóticas, distantes,
falando de coisas incompreensíveis

a partir desse dia me abandonem,
não me leia mais

se esconder atrás da máscara
das palavras não vale

assim não brinco mais

o poeta, moribundo,
pediu apenas
que ela tirasse
a roupa

o poeta-patrão
abre o livro-caixa
e demite o poema
nega aumento à rima
dá férias para a gramática
o leitor fica de aviso prévio
(o crítico insiste na ficha de inscrição)

posso falar com o sr.
agora que o sr.
está mais calmo?
quem disse
que estou mais calmo?

aviso ao anjo-gafanhoto
da chegada do apocalipse verde

então que venha logo
fim dos tempos, de tudo

que passe um planeta ou asteróide
e nos leve para bem longe

para assim podermos criar
e destruir outros mundos

não sou alegre
nem sou poeta

sou triste

ERA DE AQUÁRIOS

peixinhos
comendo turbarões

ervas daninhas que medram
pelos campos geraes

deus tire de mim esses espinhos
essas folhas ásperas

o doce roçar da língua
no capim vizinho

deus tire de mim esses espinhos
essas folhas ásperas

deixe que o boi me coma

ler lápides nos cemitérios

ler rótulos nas garrafas

ler placas nos monumentos

ler certidões nos cartórios

ler pára-choques de caminhão:
no horizonte do teu sutiã
eu vejo o seio da saudade

maus pensamentos
povoam minha mente

o próximo passo é
derrubar o poema
da escada

o avião decola no horizonte
será que meu cheque sai hoje?
puxa, já são cinco e meia e nada?!
passos apressados em minha direção
a secretária é gostosa mas tem mau hálito
revistas desinteressantes na mesinha
de vidro – fotos – deve ser o dono e os filhos –
cadê a mãe?
por que a mãe nunca aparece?
contei. a dona da revista aparece vinte
e oito vezes numa mesma edição
quanto deve custar para aparecer
na capa dessa revista?
na parede, certificados petrificados
iso isso, iso aquilo
a todo momento me oferecem um cafezinho
mas meu pagamento que é bom, nada!
ameaço pular daqui de cima?
faço greve de fome ou greve de sede?
já eram quase nove da noite quando
apareceu um senhor jovem, engravatado,
pegou o telefone, ligou pra tesouraria
e o meu pagamento saiu

o poema também

o que é o que é?

sempre se pergunta
sempre se escreve
nunca se responde

pra que serve a poesia?

e você? pra que serve?

onde quer que estejas
quando leres minhas palavras
podereis começar
a sentir um tédio profundo

PIADINHA

o livro invisível com poemas sem
palavras de páginas transparentes dos
poetas inexistentes faz parte da ficção
real do leitor duvidoso
e do crítico leviano encantado
com o plágio original

poema poema meu
existe alguém
mais poeta do que eu?

POEMA PRA QUEM GOSTA DE POESIA

a emoção é a matéria-prima da poesia
assim como o calcário é a matéria-prima
do cal e do cimento

pra chegar à poesia, a emoção
passa por um processo de pré-trituração
anaeróbica, é centrifugada à vácuo
nos pulmões do cérebro e depois lavada
nos altos-fornos da laringe

na segunda fase, a emoção, se resistir
a essa trituração mecânica, é selecionada
manualmente pelo poeta, toda picadinha

é por isso que a emoção chega a você
assim em forma de letras
que juntas formam palavras
que juntas formam versos
que juntos formam a emoção
de que tanto precisamos,
matéria-prima da vida

POESIA F.C

aos 23 anos
do primeiro tempo
a vida falha
numa jogada sensacional

poesia fraca
poesia forte

tanto faz

o teu abraço
é apenas demonstração
de força

POESIA, PROSA E PROZAC

a trilogia da auto-mistificação
procura a fórmula
da felicidade química

poesia? que troço é esse?
troço? coisa mais sublime!

sublime o cacete

PÓS-MARGINAL TARDIO II

adeus poesias perecíveis
adeus versos recicláveis

nunca mais poemas descartáveis
nunca mais poetas retornáveis

adeus livros biodegradáveis
adeus entulho literário não selecionável

adeus aterro acadêmico sanitário

PRA NÃO DIZER
QUE NÃO FIZ UM HAI-KAI

hai cai
cai cai
aqui na minha pé

não cai não
está escrito errado

putaqueopariu agora com vocês
a poesia rala
(rala poesia, a poesia ralará)

putaqueopariu agora de novo
com vocês
a poesia rara, de arara
(fala arara, a arara falará)

palavras vãs, vidas não em vão
um dia todo este poema será teu

servos digitais são vocês

o poeta coloca o poema na linha
- na linha de tiro -

pro xico xaves

que ninguém leia
estes poemas

que ninguém
os comente comigo

que apenas falem em voz baixa
quando me virem passar na rua

“aquele é aquele”

RÁPIDO E RASTEIRO

pro chacal

o achado é poético
a falta é de sorte

a perfeição desumana
e a certeza anti-filosófica

se todo poeta vivo
é um covarde
então o que sou?

aprendiz de louco?
provocador de fantasmas?

deixa quieto

não mexe com isso não

se você gostou
peça bis

se não gostou
peça biscoito

ser deselegante com as palavras
e desrespeitar o leitor

exigir o poema pronto, imediato,
instantâneo, já!

boas maneiras
péssimas intenções

sou um poeta
sem eira nem beira

ninguém me chama
de manuel bandeira

seriema
seria ema
chacal?
hiena?

filho de poeta
poeta é?

(isto é uma curtição)
(isto é uma curtição)
(isto é uma curtição)
(isto é uma curtição)
(isto é uma curtição)
(isto é uma curtição)
(isto é uma curtição)
(isto é uma curtição)
(isto é uma curtição)
(isto é uma curtição)
(isto é uma curtição)
(isto é uma curtição)
(isto é uma curtição)
(isto é uma curtição)
(isto é uma curtição)
(isto é uma curtição)

solta os cachorros
pra cima do vernáculo

solta esse verbo, rapaz
ele quer ação!

desengata essa palavra
essa palavra travada
leia quampérios do chacal

solta esse freio-de-mão
desliga esse celular
e berra comigo:
língua ingrata
não terás meus dentes

tô correndo o risco
na ponta do lápis
que traçou este poema

tô correndo o risco
na ponta da faca
que cortou este poema

tô correndo o risco
desta folha sangrar
dentro do meu coração

HOW TO SHIT IN A FOREST

que maçante é viver em sociedade

já percebestes? as regrinhas...

o corpo social em movimento,
já percebestes?

principalmente de manhã cedo
todo mundo indo pro trabalho

existe algo mais maçante
que o trabalho?

bom mesmo é andar nu pela floresta
comer frutos silvestres
e cagar ali mesmo observando
os decompositores - besouros rola-bosta -
destruírem sua mais fina obra

ABAIXO A OBRIGAÇÃO DE SER FELIZ

estar só
ter o direito de estar só
ser feliz estando só
se afastar de todos, de tudo

não ir a festas
não ligar pra ninguém
tomar um cafezinho, sozinho

abrir a enciclopédia
numa página qualquer
e ler o verbete do canto
superior direito em voz alta, só

(aos que se mataram
minha piedade e compreensão,
mesmo que não tenham
pedido por ela)

aos poucos você começa
a achar isso tudo
muito chato, sem sentido

(seu desinteresse
me interessa)

sinto que você
fechará o livro,
jogando-o no chão
mas você também está entediado
e espera ouvir grandes palavras
mas tens apenas a minha indiferença
e este poema idiota

acho que é hora de terminar
mas como você continua lendo
continuo escrevendo

voltemos ao começo:
estou só, quero estar só

aliás, agora estou contigo,
meu amigo, minha amiga,
ser humano como eu,
cheio de dúvidas e certezas:
terei amigos? terei amigas?

agora chega
ponto

mulheres sofisticadas de lindas pernas
e os dois índios olhando

todos esperando grande expectativa
e os dois índios olhando

coça aqui coça ali
um espirro um pigarro
e os dois índios olhando

o homem da TV disse que haveria um
“brake” para intervalo comercial
e os dois índios olhando

fala ok tonico
vocês têm fone de ouvido?
e os dois índios olhando

al gore chega e senta
e os dois índios olhando

banhos de rio no alto xingu
e os dois índios olhando

VEGETARIANO

não como nada
que tenha olhos

o ipê não floriu?
corta o ipê!

a mão não floriu?
corta a mão!

as raízes de jasmim
cipó-de-são-joão
quando fervidas
ajudam na inspiração

parece que sim
parece que não

como plantar
felicidade
e fazer nascer
só alegrias?

nós é que deveríamos
nos curvar em reverência
ter casca para te proteger
nós é que deveríamos
escrever poemas para ti
ser o verde da tua clorofila
respirar por ti,
ser teu pulmão esquerdo
nós é que deveríamos
te dar sombra
ser a árvore dos teus desejos
nós é que deveríamos
nos plantar aos teus pés
ser o teu solo, tua terra prometida
nós é que deveríamos
nos cortar em sacrifício
nos incendiar por dentro
para te aquecer
nós é que deveríamos
embelezar tuas florestas

nós é que deveríamos ser para ti
a árvore da vida

ser para servir
servir para viver
viver para ser árvore

me serve esta folhagem
me cai bem este tronco

de quantas cascas preciso
para me despir?

as folhas são raízes contrárias
a árvore se enraíza no céu

quem planta uma árvore
aos poucos
também se enterra

se eterniza

uma paisagem sem árvores
é como um mar sem cavalos

flores caem
e ocupam o chão da manhã

algumas árvores
são imperceptíveis a olho nu

arrancar este poema
enraizado no livro

1 kg de sementes contém
2 kg de esperança

altura de 20 ipês submersos

rios de palavras
correm nas entrelinhas

pra que monumento
se na praça
já existem árvores?

árvore não é assim como quase
todo mineral dotado de esqueleto
plástico de luz inflável por
lúcidas plumagens que sonham
com teoremas imperfeitos e
outras
vezes defloram conjuntos de
números ímpares sem cogumelos
invisíveis onde fungos ouvem
sinfonias para coleópteros
mesmo que a linha acima não
tenha nada a ver com a inveja da
clorofila

olhos cerrados
abertos
para ver
certos
cerrados
certos
e certos
desertos
errados
(o deserto chora areia)

não, esta não é
a minha praia
disse o grãozinho de areia
pro pedaço de concha,
antes da onda

PILASTRAS DE AREIA E FORMIGAS DO BEM

formigas cavam em mim
túneis de incertezas

perfuram galerias
pra chegar ao lado
obscuro da mente
e constroem pilastras de areia

quando a casca do poema
tende a desfazer-se
em palavras,
diz-se que a árvore
é típica de ambientes verbais

plantei um pé-de-tempo
no canteiro das horas
e fiquei esperando os
brócolis da eternidade

nasceram relógios de alface
ponteiros de couve
segundos de tomate
tic-tac de pontuais cupins
formigas cortam folhas-de-minutos
onde o futuro inseto é pupa,
horário de borboleta

junto ao pé-de-tempo brotaram
calendários de flores
e relógios de sol
para despertar onze horas,
sem a pressa dos adubos químicos

agendas para passarinhos
compromissos de poesia

↑ s s |
e e |
i i |
v v |
a a |
q q |
u u |
e e |
s d |
o e |
b s |
e c |
e ↓

onde bate
o coração da árvore?

no oco do toco?
em ti? em mim?
numa flor de jasmim?

a árvore cresce
sobre o chão da página

a palavra se fixa na terra

árvore e palavra:
ambas enraizadas em mim

a maior folha do reino vegetal
é a orelha de um elefante

o maior ser vivo da terra
é o próprio planeta terra

maior flor
que minha boca não há

GOIÁS VELHO REVISITADO

reverencia teus escravos humilhados
pede perdão pelos teus índios assassinados
dá nome cristão aos teus fantasmas
recolhe teus ouros e devolve-o aos rios
joga no lixo teus diamantes falsos
reconhece teus filhos bastardos, que choram
inicia logo a demolição
das tuas senzalas brancas
lava o chão sagrado
em volta dos teus pelourinhos
teus inventários de rosários
e cruzes e chibatadas
expulsa teus burocratas do rei
com seus grampeadores de ouro,
carimbos de prata, clips coloniais
recupera as áreas degradadas pela tua ganância
teus braços roídos, tuas armas gastas
doa sangue ao teu rio vermelho, que desbota
julga e condena à força teus capitães-do-mato
ouve os gritos que vem lá da cadeia, ouve
condena ao esquecimento
teus governadores-gerais
restaura o pelourinho, orgulho de tua vergonha
queima teus inquisidores
na fogueira de são joão
reabilita teus loucos catadores de tampinhas

excomunga teus bispos e arcebispos,
que sempre estavam do lado dos fortes,
dos vencedores
fecha as feridas das tuas calçadas,
reabre as cicatrizes de tuas pedras
perdoa teus ladrões de alma
escreva o nome dela em teus monumentos
reconcilia-te com cora
estas homenagens não bastam
a casa da ponte, ancorada, solta-a
recebe bem teus turistas ausentes
troca de nome: cidade de cora,
que, assim, talvez, a mereças
envergonha-te do teu falso apogeu
reconhece tua decadência precoce
apaga dos registros o nome
dos teus piratas do sertão,
travestidos de bandeirantes,
matadores de índios, gente má
reconstrói teus casarões caídos
derrama teu leite estragado
seca ainda mais teus chafarizes secos
ampara tuas casas de adobe, fracas,
por isso grudadas umas nas outras

recebe bem quem quer te reconciliar
com teu passado

UM RIO CHAMA CORAÇÃO

O rio não responde
quando lhe pergunto onde vai,
ele de meu coração não sai.

Meu coração é feito dessas pedras
que pelo rio vão rolando
como as lágrimas
daqueles que o perderam.

Meu rio é feito dessas lágrimas
que salgam o mar de lama
que nos cerca.

Mas meu mar não é azul nem verde
ele tem a cor das raízes
das árvores que no leito do rio
vão tombando.

E com minhas lágrimas
meu rio vai secando
e meu triste coração murchando.

e por falar nisso...
bem, é melhor não falar nisso

quem sabe não vou deixar puto
alguém com influência no governo?
com amigos na polícia?

eu é que não vou
cair nessa conversar
de que todos são iguais perante a lei

dia desses
um jornal sem data
fez uma denúncia vazia

POBRÁS

- poesia brasileira -
está admitindo:
palavras, idéias,
poetas e coragem

exigimos:

- bom comportamento
- atestado de antecedentes
- redação própria

oferecemos:

- ótimo ambiente de trabalho
- condução para as cidades-satélites
- acidentes de trabalho à vontade
além de cantina na obra

os interessados procurem
o sr. poema
no horário intelectual

HISTÓRIA DE QUINZINHO

quinzinho era um louco
que fazia o trajeto
montes claros-janaúba,
no norte de minas

pra alegrar suas caminhadas
construiu um caminhãozinho
de madeira, transportando nele
várias mercadorias,
todas vindas de suas fazendas, dizia

gado, arroz, carvão, pequi e,
mais recentemente, soja
tudo muito bem arrumado
no seu caminhãozinho de brinquedo

quinzinho morreu atropelado
perto de capitão enéas
quando trocava o pneu
do seu caminhãozinho
no acostamento

PREFEITO PERFEITO

fiz cento-e-uma obras

cem quebra-molas
e a minha casa

ser brasileiro
é comer
iogurte com farinha

o que você vai fazer agora?
vou continuar vivendo, posso?

vamos brincar
de descobrir o brasil?
e se os portugueses
chegarem?

cada um com sua cruz

joga essa cruz no chão
quebra essa cruz
faz lenha dela

o louco caminha ao meu lado
pela rodovia levando nas costas
um saco cheio de latas vazias
de óleo diesel,
sua cruz lubrificante

um cão, magérrimo,
nos acompanha

chegou correndo

entrou no bar
empurrou gente
derrubou cadeiras

o policial
ainda tomou um gole de cachaça
deu uma tragada no cigarro
e falou:
- depois que matarem eu vou

a vida se esvai
como uma poça d'água
que seca

o/x)i*g!ê}nïi<o
h'-id<>rogg:eni0
n:i&t]r?o^g(ê'n+i-o
g'a|s"o#g%ê=n~i?o

,n,e,g,o,o,g,ê,n,i,o,

nicolas,
(ouvi uma voz dizer baixinho)

bem-vindo ao mundo
das pessoas com unha
na ponta dos dedos
e um poema roído
na ponta da língua

CAVALARIA MECANIZADA

soldadinhos de chumbo

PRA ALCINA

muito sexo
e pouco texto

A BALADA DO FALSO POETA

minha miséria é meu tesouro

nasci para ser sombra
não tenho face

minha espada acovardou-se
fraca é a minha vontade

a voz do meu algoz é doce
suave é o seu abraço

nas certezas, combustível
nas incertezas, chama

tudo que condeno me atrai
tudo que desprezo desejo
tudo que amo destruo
tudo que admiro não quero
tudo que elogio é falso

tudo que assisto é por interesse
tudo que enterro nada cresce
tudo que sei guardo pra mim
tudo que beijo morre
tudo que é oficial subverto
tudo que toco não ressuscita
tudo que gero vira nada
tudo que vi cegou-me
tudo que aplaudo desaprovo
tudo que é poesia já escrevi melhor
tudo que não é martírio sofri
tudo que me lembro muito bem
tudo que não prometo cumpro
tudo que é burocrático me ojeriza
tudo que leio se desintegra
tudo que me dá medo recuo

tudo que escrevo nego

AUTO-ESTIMA

eu não preciso
que você goste de mim

auto-estima é isso?

pele profunda
carne intragável
erosões eróticas

pênis cavando valas
para enterrar sífilíticos

COMO É DIFÍCIL FALAR DE DEUS

invoquei seu nome pessoalmente
(sem intermediários, só a poesia)
sem esse pessoal que se mata
em seu nome (eu acredito que deus é
amor, sem adesivo no carro)

minha igreja sou eu
e meu coração não é um músculo
meu coração é uma catedral

e eu suplico:
como é difícil falar de deus
com o coração em construção

DAS VANTAGENS DE SER CONFUSO

olhar e ver tudo torto, errado
das vantagens de ser incoerente
demente, temente, tenente, patente
das vantagens de ser repetitititivo
das vantagens de ser livre, foda-se!
das vantagens de se fingir de morto
qual peixe na feira, olho aberto, parado
das vantagens de ser totalmente louco,
pirado, sem nenhum compromisso com nada,
escravo da mente, sem consciência
celular, sem celular, sem a porra da
agenda, sem rima, sem nada,
só a loucura insana a te emoldurar a alma
loucura – esta bela armadura
esta couraça intransponível
este colete a prova de tudo
este poema, impiedoso,
a te perfurar o coração

que livro lia a prostituta
embaixo da árvore
nas margens da rodovia
perto do balão do torto
às 3:15 da tarde
da quinta-feira passada?

na volta não lia mais

filosofia rayban

aos 57 anos de idade
comecei a perceber
que a velhice
começa em volta
dos olhos

então viver é isso?
esse espasmo de deus?

mais perguntas
que respostas?

mais hipocrisia
que poesia?

mais tapas na cara
que orgasmos múltiplos?

então viver é isso?
deve ser, sei lá...

somos mesmo
um grãozinho de areia
mas aquelas árvores
são enormes

entro na sala

sem pedir licença
sem por favor
sem muito obrigado

vou direto ao assunto:

como vai?
tudo bem?

saio sem fechar a porta

estou à beira da loucura
ou à beira da janela?

estou pedindo socorro

de segunda à sexta
aos sábados e domingos
dia e noite

será que não tem ninguém
pra atender esse telefone?

eu, o sem agenda
eu, o acessível
eu, o anti-f.l

eu, o locutor de fm invisível

eu, a anta
eu, a biltra
eu, a imperdoável pleura

eu, a virgem no bacanal

FADIGA NEURÓTICA

minha memória futura
tem vagas lembranças
da tua pesta emocional

- jamais te tocarei!

jesus te ama
eu não

MADAMES

oi querida
oi falsa

grávida, só a reconheci
depois, sem os óculos escuros
(os seios enormes, lindos)
me convidou
pro chá de berço & poesia

o babaca aqui
não anotou o endereço
dançou

pra marta

mãos sujas me intrigam
sujeira que gasolina não tira

pra limpar
só destruindo
as camadas superficiais
da pele

ah, então deixa sujo mesmo

grampeei meus dedos
nesta folha de papel

ai como dói
ai como é gostoso



me dá um pedaço
desse seu dedo
pra mim chupar?

meus olhos estão fechados
para balanço

meus ouvidos estão entupidos
de barulho

minhas unhas estão roídas
até os dentes

minhas veias estão entupidas
de sangue poluído

POEMA ANTI-AJUDA

felizes os fracos de espírito
pois estes têm gurus
felizes os que ainda botam fé
no ser humano
felizes os que sabem ler
e têm algo para comer todos os dias
felizes os que criam o inferno
para depois prometer o paraíso
felizes os indiferentes, que não se comovem
com nada e sofrem menos
felizes os que mentem para si mesmos e
acreditam piamente nisso
felizes os infelizes, pois estes são os
verdadeiros iluminados
felizes os que nunca choram e, portanto, não
passam vergonha
felizes os que tem autoconfiança, autoestima,
automóvel

felizes os amigos dos poderosos,
que tudo querem, que tudo podem

felizes os que acreditam
no amor de cristo pois estes
não tem mais salvação
felizes os andarilhos, os indecisos,
os confusos, os sem-rumo-na-vida
felizes os que choram com facilidade pois estes
estão sempre reciclando
a água parada dos seus olhos,
fazendo chover em seus corações
felizes os piegas, os românticos
ultrapassados, os bregas, os que falam de amor
sem medo do ridículo, nem que seja
naquela música que vive tocando no rádio e o
povão adora

felizes os que escrevem livros de auto-ajuda e
ganham muito, muito dinheiro,
que é o que realmente importa,
que é o que realmente interessa

mudar radicalmente de vida

começar pelas pontas
cortando pernas e braços

depois lá dentro
desarmar o coração-bomba

aí ser perfeito: morrer

não sofrer nunca mais

na esquina
um mendigo degolado
pede esmolas
com a cabeça na mão

celebrar o choro prático
unificador dos olhos
que expulsa pequenos corpos
estranhos do meu ser:
agonia, melancolia,
sementes de melancia

não pare na pista
despiste
dê alpiste
ao alpinista

dê palavras difíceis
às bocas fáceis

abracadapalavra novamente

apesar de viver no meu corpo
não o habito

estranho este corpo – evito-o
(na verdade maltrato-o
como tudo que amo)

confesso, constrangido,
que, às vezes,
habito este corpo sim
mas moro num apartamento
(quatro paredes sem pele)

nos encontramos
- eu e meu corpo -
e nos estranhamos
- corpo: objeto móvel, falante,
tubo digestivo
que me acompanha
e que não ouço

a quem interessar possa
informo que a partir
da semana que vem
não morarei mais em mim

me mudarei para taguatinga

ri melhor quem não ri

não chore à toa
economize sangue

no pão passo geléia
na vida passo poesia

mas o pão continua brancoplástico
e a vida cada vez mais bestabosta

porque é preciso
criar o inimigo
para que aconteça o herói

o fazer poético
o sentido da vida

sentar na mesa de um bar
e ver a vida passar
na forma de lindas mulheres

tudo isso vai virar
matéria orgânica, meu filho
comida de vermes

são apenas músculos
no lugar certo
e pouca roupa

ah, então deixa eu ver
essa matéria orgânica passar
deixa eu ser esse verme

PICLES

não vou com tua cara
nem a pau

...

não sou oito nem oitenta
sou oitenta e oito

...

meus caninos
tão doendo pra cachorro

...

não abro mão
dos meus dedos

...

meu dedão
deu no pé

...

acima de tudo
um teto

...

pra começo de conversa
fim de papo

a cidade dorme
seu sono de fumaça
engolindo a fome
dos que nela morrem

durmo sobre meus ossos
e sobrevivo

RETRATO FALADO

o bandido era bonito

roer as unhas
para não se ferir

mas arranhar
a própria alma

se você é um esquecido de deus
não se lamente

ele não se lembrará
mesmo de você

veja bem;
é muita gente
pra ele se lembrar

seguinte:
tá todo mundo doido
com estes anos loucos

pertencemos a uma geração
que não existe, certo?

virgens no bacanal
loucos e marginais
esquecidos de deus
antas biltras pleuras
lesmas paralíticas
trastes imprestáveis
escórias da sociedade

idades-dormitório
embaixo das camas

quem tem a melhor
visão do paraíso?

sem porteira
nos olhos

sem ódio no coração,
só sangue

sem armaduras
sem couraças
peito aberto
sem escudos
sem lanças
sem soldados romanos
por perto

sem ego
só luz

sem tempo
pra definir
ansioso

vai ver que o apocalipse
já aconteceu
e a gente nem percebeu

KWANDO EU ENLOKECER

no sinal de trânsito,
maltrapilho, entre os pedintes,
papel e caneta na mão:
escrevendo poemas ou
anotando as placas dos carros?
ou rabiscando um desenho
do batman? ou te oferecendo
um verso louco
em troca de um abraço?
um trocado?

ou apenas fingindo?

viver dá lucro?

você vê uma luz lá longe
no meio da escuridão

desce do carro
e quer chegar lá

são talvez um
ou dois quilômetros

você quer ir
mas você tem medo

você não vai

se é para o bem de todos
e felicidade geral da nação
diga ao povo
que o rei é o novo
bobo da corte

tô de saco cheio
desse vazio

se é para o bem de todos
e felicidade geral da nação
diga ao povo
que mande o rei à pátria
que o pariu

se é para o bem de todos
e felicidade geral da nação
diga ao povo
que o almoço tá na mesa

se é para o bem de todos
e felicidade geral da nação
diga ao povo
que o rei continua
torcendo pelo vasco

se é para o bem de todos
e felicidade geral da nação
diga ao povo
que o rei foi dar outra cagadinha

se é para o bem de todos
e felicidade geral da nação
diga ao povo
que salve-se quem puder

se é para o bem de todos
e felicidade geral da nação
diga ao povo
que o buraco é mais embaixo

tudo farei pelo bem comum
mas quero minhas compensações

exercerei este cargo público
com sacrifício
mas quero minhas compensações

pensarei apenas em vocês
mas quero minhas compensações

ainda bem
que ninguém nunca disse
nada de novo

posso (se quiser)
dizer tudo outra vez

CAPIM-NAVALHA

eu, irrecuperavelmente eu
desgraçadamente eu
eu, irresponsavelmente eu

eu, o guardador
de rebanhos alheios
eu, que não consegui escrever
o poema em linha reta
eu, o anjo torto dos outros
eu, a sua adélia prado

é meu egozinho que tens na mão
não essa massa de celulose e tinta

que estas finas lâminas
cortem sua língua
como capim-navalha
e te livrem para sempre
do vício da palavra

VIOLÊNCIA BRASILEIRA

e você me apresenta
logo um preto?

a empregada daqui de casa
tem uma filha pequena
é negra e veio da bahia
está sempre ligada
no sucesso do rádio de pilha
não sabe fazer salada
como papai gosta
e no seu quarto
os mais lindos rostos deste país
alimentam seus sonhos

com que liberdade
tiras minha liberdade?

pega pelo braço,
algema, joga no chão,
pisa na cara

quando o ser humano
não é digno
de ser humano

aqui não tem nada disso
ou se mata ou se mata

você não tem escolha
ou mata ou mata

é matar ou matar

chacal, meu super-herói
de verdade, de carne e osso
e dentes quebrados

obrigado
por ter sobrevivido

a unha roe o dedo
o dedo come a mão
a mão mastiga o braço
o braço engole o corpo

que se mata

antes de sair de casa
deixo sempre uma folha
de papel em branco sobre a mesa,
com uma caneta, para o meu amigo
que se foi sem falar comigo
deixar uma mensagem pra mim

até hoje nunca deixou

cortei as unhas com tesoura
cortei os dedos com faca
cortei as mãos com machado

e a gilete de um canto reclamou:
- quando é que eu vou entrar
nessa brincadeira?

DAS DUAS UMA

se o tiro
não sair pela culatra
sai pela nuca

de manhã
penso na vida

à tarde
penso na morte

à noite
não penso:
me mato

eu me mato escrevendo

esconda as giletes
desapareça com as cordas
tire a janela do meu quarto

que hoje tô afim
de curtir
um suicidiozinho

ficar quieto
parado
imóvel

para que a dor passe
sem perceber a ferida

os venenos à mostra
as amostras grátis
as veias tentadoras
as janelas próximas
próximas demais
os avisos ávidos, os sinais
as facas cortantes
os muros delirantes
as cordas podres
o sisal de aço
- a sina dos confusos –
em busca dos irmãos
desgarrados (encontrei
alguns, bené)

a vida que te quer vivo
a palavra que já não mais
te salva
a poesia que já não mais
te sustenta

quem disse que viver é fácil?

COMO SE VIVE

alguns ficam tristes
uns bebem
outros tentam escrever
alguns, indiferentes,
vão levando o barco
uns ficam deprimidos,
fazem filhos

outros, abelhas suicidas,
se picam
ah, ir às compras,
fazer mercado
inferno zodiacal

TODO POETA É PRISIONEIRO DO QUARTO ESCURO

lá onde a luz não entra
mesmo com as janelas abertas

lá de onde irradia uma luz
que não ilumina
lá onde existe uma lâmpada
acesa mas invisível
um farol apagado
uma vela de luz negra

o quarto escuro me chama
não sei onde fica o quarto escuro

quem quer soluções fáceis
não procura o quarto escuro

o quarto escuro é o repositório
das palavras sem uso

DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA
A COCALZINHO, GOIÁS

andei errante
de cidade em cidade
perdido
como um poeta
como um louco

eu estava mal
nem queira saber
(agora você já sabe)

parei na frente de um bar
iluminado
olhei para todos
todos me olharam

continuei andando

dei um tiro no ouvido
e nem ouvi
o barulho do meu corpo
caindo no chão

nossos três filhos pequenos
morreram assassinados
uma tragédia, etc.

mudei-me com minha mulher
para a dinamarca e hoje
me chamo johann olsen

o assassino tinha as mãos sujas
de óleo diesel
como as minhas

comeu bolo de chantilly
na confeitaria
e sujou o bigode
como eu sempre sujo

ele estava desesperado
como eu estou

só que eu não vou matar ninguém

não matarás,
isso nunca,
nunca matarás

o desejo de morte
da flor de corte

mãos decepadas
te oferecem buquês de sangue

os mais belos versos
as facas mais afiadas
as cordas infalíveis
os tiros certos
os edifícios altos

o que mata mais?
a falta ou o excesso
de poesia?

o mistério de viver e morrer
de estar aqui e passar
e não poder mais falar
com meu amigo
que morreu ontem,
a esta hora

ser criança, jovem, adulto e velho:
quando vem a sabedoria
é hora de partir...
me disse lourenço na fila do banco

aqui jaz, muito a contragosto,
eu, que não queria morrer

amou, odiou, três filhos,
algumas árvores plantadas
milhares de unhas roídas
a vida exposta nos livros
e continua

a poesia não te deixa
esconder da vida, cara!

quando eu morrer já escolhi:
serei o seu anjo-da-guarda
e aí sim: te verei passear nua
pela sala, saberei por onde
começas a te ensaboar no banho,
tuas posições preferidas
no amor...

serei teu anjo-da-guarda
sem asinhas

quando eu nascer
me acorde

quando eu acordar
me mate

QUEM BATE?

se for a morte
diga que não estou

diga que fui
ao meu enterro

sete facadas

sete facadas
na água

cinco hidrelétricas

vencer na vida
é ter coragem
de dar um tiro na cabeça

joão de tal
pobre e sozinho
era alcoólatra

bebeu dez garrafas de cachaça
e quando acordou estava morto

A MORTE É UMA VELHA SAFADA

que me perdoem os poetas
de versos longos
mas o drama humano
se resume a isto:
estamos aqui para viver e morrer

viver tudo bem

mas o que fazer
com a velha safada
que um dia, fatalmente,
virá te buscar
e te levar não sabe pra onde?

sai velha safada
sai pra lá desgraçada

vê se me esquece

FANTASMAS QUERIDOS

os sete suicidas deixarão
que eu passe incólume pela sala
novamente?

sairão do meu caminho,
como sempre,
e sentarão, ensangüentados,
no sofá?

ensangüentados me contem,
fantasmas queridos,
do arrependimento tardio,
da volta à vida

NÃO TÃO QUERIDOS ASSIM

um me puxa pelo braço
outro me dá uma rasteira

caio, bato com a cabeça
na quina da mesa (não sangro)

em coro os sete suicidas repetem:
não, não passarás
mais incólume pela sala

não, não sairemos
mais do seu caminho
não nos sentaremos mais
ensangüentados no sofá

se quiser, da próxima vez,
ascenda a luz, peça licença

**|LISTA DOS LIVROS EDITADOS
COMO ESTÁ NA LARANJA
SELELTA**